



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

**RETRATOS DE ÍSIS:
REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DO CULTO ISÍACO NO
EGITO FARAÔNICO**

BRUNA RAFAELA DE LIMA

CAMPINA GRANDE
2015

**RETRATOS DE ÍSIS:
REPRESENTAÇÕES DO CULTO ISÍACO NO EGITO
FARAÔNICO**

BRUNA RAFAELA DE LIMA

Monografia apresentado ao curso de Bacharelado em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

CAMPINA GRANDE

2015



L732r Lima, Bruna Rafaela de.
Retratos de Ísis: representações do culto Isíaco
no Egito Faraônico. / Bruna Rafaela de Lima. -
2015.

45 f.

Orientadora: Professora Dra. Marinalva Vilar de
Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Humanidades; Curso de Bacharelado
em História.

1. Ísis - Egito. 2. Religiosidade - Egito antigo.
3. Culto a Ísis. 4. Deusa Ísis - Egito. 5.
Iconografia - Egito antigo. 6. Mito de Osíris. 7.
Mitologia Egípcia. 8. Cultura egípcia. 9.
Egiptologia. 10. História do Egito antigo. I. Lima,
Marinalva Vilar de. II Título.

CDU: 94(32)043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

CAMPINA GRANDE

2015

BRUNA RAFAELA DE LIMA

**RETRATOS DE ÍSIS:
REPRESENTAÇÕES DO CULTO ISÍACO NO EGITO
FARAÔNICO**

Monografia Avaliada em ___/___/___ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Marinalva Vilar de Lima
Orientadora

Antônio Clarindo Barbosa de Souza
Examinador

Breno Gomes de Lima Amorim
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu Pai Celestial, sem o qual não teria conseguido chegar até aqui. Agradeço a Ele, por sua infinita bondade, por me guiar durante o decorrer de todo o curso, por me ensinar, me conceder calma e paciência que só poderiam vir Dele. Agradeço por ter me mostrado que essa etapa é só o começo de um longo caminho de aprendizado e por ter estado comigo em todos os momentos, principalmente os mais difíceis e solitários.

Agradeço a meus pais, Fátima e Manoel, por acreditarem em mim e sempre incentivarem o estudo e o trabalho árduo. Agradeço pelo amor e pelo cuidado, pela preocupação e pelos puxões de orelha, de vez em quando. Agradeço por me inspirarem a ser cada dia melhor, por causa do exemplo deles.

Agradeço a minhas primas-irmãs, Simone e Shirley, pelo incentivo e pela compreensão quando meu ausentava para escrever e estudar ao longo desses quatro anos e nos últimos meses. Agradeço pelo bom humor e por nunca duvidarem que eu chegaria até aqui, por mais que eu duvidasse.

Agradeço a Guaíra, minha principal incentivadora desde o início no curso. Agradeço pelo amor e pelo entusiasmo a cada etapa. Agradeço por estar comigo, ajudar, corrigir, orientar, inspirar, emprestar livros, torcer. Agradeço por estar sempre comigo, apesar das próprias ocupações, por não me deixar sozinha, nem me deixar desistir, a qualquer mínimo sinal de desespero.

Agradeço a Alisson, pela companhia, por ter participado tão ativamente desse processo. Agradeço pelas caronas, pelos trabalhos de revisão, correção e por sempre ter um sorriso no rosto quando eu estava com o pior dos humores. Agradeço por toda a preocupação e incentivo, por acreditar sempre que tudo ia dar certo.

Agradeço a Raissa que sempre demonstrou interesse por tudo referente ao curso. Agradeço por ser tantas vezes uma companhia, nas horas de estudo – eu com minha História e ela com a Psicologia – e também nos momentos de descontração. Agradeço por, apesar das dificuldades do dia-a-dia, ser sempre tão preocupada e fiel.

Agradeço a Kaio que, mesmo não estando diretamente envolvido em todos esses anos, nunca deixou de me estender a mão. Agradeço por sua torcida e por me inspirar a querer ser mais como ele é.

Agradeço a minha turma de 2010.2, que se concentra e Tatianne, Nita, Elson e Josinado. Agradeço pelos momentos que compartilhamos e que não serão esquecidos. Agradeço pelas tardes e noites de discussões teórico-metodológicas e pelas manhãs de muitas risadas. Agradeço pelo apoio mútuo que nos fez mais fortes juntos, mais dispostos a continuar a caminhada. Agradeço pelos laços firmados até aqui que, mesmo que agora cada um siga por um caminho, sabemos sempre com quem podemos contar.

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte desta etapa da minha vida. Agradeço aos professores que tive, Especialmente Pávula, de quem tive o privilégio de ser monitora em Antiga Oriental. Agradeço pelas referências e pela boa vontade em sempre prestar auxílio. Agradeço a Rozeane, que desde a disciplina de Brasil II foi um grande exemplo e incentivadora, a quem eu em parte responsabilizo pela escolha de iniciar as pesquisas em História da Arte. Agradeço à minha banca – Clarindo e Breno –, por aceitar apesar da urgência da defesa, agradeço principalmente a Clarindo, por seu exemplo como professor e por sua empatia e disponibilidade, sempre que solicitado.

Agradeço a minha orientadora, Marinalva, que teve coragem de dar este passo ao meu lado. Agradeço pelas dicas e pelo incentivo. Agradeço por, apesar dos poucos momentos em que estive em sua companhia, ter aprendido tanto. Agradeço por sua calma, bom humor e paciência, mesmo com os percalços enfrentados.

RESUMO

Neste trabalho analisaremos algumas das representações da deusa Ísis no período referente ao Reino Novo, principalmente entre 1400 a.C. e 1100 a. C. momento em que reinam os faraós da XVIII, XIX e XX dinastias. Devido a importância que o culto isíaco atinge nesse período, quando o mito de Osíris, a que está relacionada, se populariza, há um aumento significativo das representações iconográficas dessas divindades particularmente nos interiores das tumbas reais, por sua associação à ressurreição. Priorizamos algumas imagens para comparar com os textos já produzidos sobre o assunto, que nos ajudarão a problematizar os diferentes papéis que Ísis recebe nesse período.

Palavras-chave: Egito, Ísis, Religiosidade, Iconografia

ABSTRACT

In this paper we analyze some of the goddess' Isis representations in the period related to the New Kingdom, especially between 1400 BC and 1100 BC, moment reign of the pharaohs of XVIII, XIX and XX dynasties. Because of the importance that the isiac cult hits during this period, when the myth of Osiris, which is related, becomes popular, there is a significant increase in iconographic representations of these deities, particularly in the royal tombs interiors, by its association with resurrection. We prioritize some images to compare with the texts already produced on the subject, which will help us to analyze the different roles that Isis receives in this period.

Keywords: Egypt, Isis, Religiosity, Iconography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Tebas. Hipogeus. Livros dos Mortos. Manuscritos em papiro com escrita hieroglífica. Primeira parte. Description de L’Egypte, Antiquités, vol. II, pl. 72. Coleção Banco Itaú.	31
Figura 2 Ísis estendendo as asas para ressuscitar Osíris. Túmulo de Iry Nefer. JACQ, Christian. As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.	33
Figura 3 Hieróglifo de Ísis. http://www.mlahanas.de/Greeks/Mythology/Isis.html	34
Figura 4 Ísis e Néftis. Túmulo de Sethnakht e Tausert. Vale dos Reis. 1184 a.C. JACQ, Christian. As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.	35
Figura 5 Ísis. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.	36
Figura 6 Ankh. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.	36
Figura 7 Tyet. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.	37
Figura 8 Ísis conduzindo a rainha Nefertari. Tumba de Nefertari, Vale das Rainhas. a.C. Arte egípcia. Pocket Visual Encyclopedia. Scala, 2011. p. 164	38
Figura 9 Horemheb diante de Ísis. Tumba do faraó Horemheb. Vale dos Reis. 1395 a.C. Arte egípcia. Pocket Visual Encyclopedia. Scala, 2011. p. 162	39
Figura 10 Tríade de Ísis, Osíris e Hórus. XXII Dinastia. Museu do Louvre, Paris.	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 O MUNDO COM OS OLHARES VOLTADOS PARA O EGITO	13
1. A expedição napoleônica ao Egito.....	13
2. Champollion e os primeiros estudos sobre o Egito.....	15
3. A egiptologia	17
CAPÍTULO 2 IMAGENS DA ANTIGUIDADE: O USO DE FONTES ICONOGRÁFICAS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO...	21
1. Outras fontes para a Nova História.....	21
2. A iconografia e os estudos da antiguidade	23
CAPÍTULO 3 MÃE, RAINHA E DEUSA: AS FACES DE ÍSIS NO EGITO FARAÔNICO	25
1. A religião no Egito Antigo	27
2. O mito de Osíris.....	29
3. Ísis, a maga	32
4. Ísis e Hathor.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41

INTRODUÇÃO

O Egito Antigo é comumente associado à sua religiosidade. As histórias dos deuses pautavam a vida dos egípcios e serviam de justificativa e inspiração para as cenas do cotidiano, tanto entre as camadas mais baixas da sociedade quanto na família real. Osíris e sua esposa-irmã, Isis, estão entre as divindades mais importantes adoradas no Egito. O culto a eles estende-se por todas as cidades e são adorados como casal fundador do Egito.

Isis é a grande-mãe, deusa da fertilidade, responsável pelas cheias do Nilo, que se formam por causa das lágrimas que a deusa derrama pelo seu marido morto. Seu culto não se tornou menos importante nem com o início da dominação helenística, instaurada por Alexandre em 331 a.C., nem no período que se seguiu, com a chamada dinastia ptolomaica, que marcou o período dos faraós gregos. Por ocasião da morte da última rainha desta linhagem, Cleópatra VII, em 30 a.C., o Egito passa ao domínio romano. Mesmo assim, Ísis continua adorada, embora seu culto e suas representações passem a se mesclar com características latinas.

A sociedade egípcia é vista, por muitos, como uma sociedade igualitária para homens e mulheres sendo este um “padrão” seguido também pelas divindades. O panteão egípcio era composto por divindades masculinas e femininas e o modo como estes eram cultuados, não havendo superioridade nem para deuses nem para deusas, é tido como justificativa dos “direitos iguais” nas relações de gênero no Egito Antigo.

Por quase 4 mil anos os elementos fundamentais da civilização egípcia se mantiveram praticamente inalterados. A escrita, os ritos funerários e a hierarquia social, por exemplo, foram algumas desses elementos que tinham características que continuaram quase que totalmente as mesmas no decorrer de mais de quarenta séculos. Apenas esse fato já faria do Egito um objeto de estudo notável, em meio a outras civilizações que acabavam mesclando suas características com a de outros povos quando entravam em contato com estes, sendo dominados ou dominadores. O Egito, por sua vez, antes do período

greco-romano, egípcianizava o que chegasse até ele por meio de seus conquistadores, como os hicsos, assírios e persas.

Devido ao grande período que a história do Egito Antigo abrange, nesse trabalho nosso recorte será o Novo Império, particularmente entre 1400 a.C. e 1100 a.C. Neste período, o culto a Ísis está mais popular do que nunca na história do Egito Faraônico, embora seu apogeu só se concretize no período de colonização grega e posteriormente, romana.

Muitas são as referências ao Egito Antigo, tanto em filmes, livros, desenhos, esculturas e outros objetos. Mesmo que o modelo de civilização que era um dos mais importantes há mais de 3 mil anos não tenha sobrevivido na maioria dos aspectos no que hoje conhecemos como o país Egito, seu legado perdurou de outras formas, ao redor do mundo. A justificativa deste trabalho é a mesma da escolha que muitos fazem pelo curso de História: compreender um pouco mais sobre os costumes, os ritos, de um povo que possuía relações tão complexas com o sagrado e que, mesmo depois da decadência da religião e das práticas, ainda hoje não há quem não conheça ao menos algumas referências a fatos, lendas ou rituais.

A civilização egípcia sempre fascinou a muitos, pelos seus mais variados aspectos. Suas imponentes construções, seus ritos funerários e principalmente sua religião provocam curiosidade ao longo dos séculos. Por causa dessas inquietações, muitos estudos já foram feitos sobre esses assuntos, mas há sempre novas possibilidades, novos olhares que nos permitem ver outras perspectivas. Com base nesses pontos, percebemos que ainda há muito que se pesquisar sobre a religião egípcia, na perspectiva história, tendo em vista que muito do que se tem foi feito por outros profissionais, como antropólogos e jornalistas, por exemplo.

Com este trabalho pretendemos problematizar estas questões: como se configura o culto à Ísis no período final das dinastias faraônicas Egito, antes da chegada de Alexandre em 332 a.C? Como era representada essa deusa nas pinturas tumulares desse período? Pensando nestas questões, dividimos este trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo trata de uma abordagem geral sobre as pesquisas no Egito e sobre ele, que ganharam destaque especial a partir da expedição de Napoleão Bonaparte no fim do século XVIII. Abordaremos o nascimento da egiptologia e quais alguns importantes momentos dessa ciência, bem como o que compete a ela.

O segundo capítulo discute a utilização da iconografia como fonte, explicitando os benefícios na pesquisa histórica voltada para os estudos de antiguidade, especialmente no caso do Egito. Utilizamos de autores que utilizaram também esse tipo de fonte em suas pesquisas, embora os recortes temporais e temáticos sejam diversos, trouxemos suas contribuições para pensar este assunto.

O terceiro e último capítulo faz um apanhado sobre a religião egípcia no tempo antigo, destacando o mito osiriano, do qual Ísis fazia parte. Exploramos algumas imagens que estão expostas no Museu do Louvre, em Paris, e no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, que são de fácil acesso através de catálogos impressos e disponibilizados via internet. As figuras da deusa Ísis demonstram as diferentes facetas que ela incorporava na religiosidade egípcia no período abordado.

Acreditamos que, a partir de novas abordagens e novas questões, é possível trazer à tona novos olhares sobre a história do Egito Antigo. Com ênfase ao período abordado, o do Novo Império, acreditamos que o interesse pelos vestígios que essa rica civilização nos legou ainda é capaz de produzir textos cujos temas não são meras reproduções do que já foi dito anteriormente, mas serve também para se contrapor aos autores de forma crítica e bem fundamentada.

CAPÍTULO 1

O MUNDO COM OS OLHARES VOLTADOS PARA O EGITO

1. A expedição napoleônica ao Egito

“Soldados, do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam!”, diz-se que foi com esta frase que Napoleão Bonaparte se dirigiu à expedição que levou ao Cairo, em 1798. O general e imperador francês empreendeu viagem para o Oriente com o intuito de lutar contra sua principal rival na época, Inglaterra. No entanto, também estava admirado com a grandiosidade das edificações milenares dos egípcios. Suas obras de arte, pinturas, esculturas em pedra, templos, túmulos e inscrições fascinaram Napoleão, que levou da França para o Egito quase duzentos cientistas, artistas, cartógrafos, botânicos, geólogos, entre outros (MELLA, 1994. p. 9), para estudar e para reproduzir em pinturas traços da fauna, flora, população e construções dessa civilização tão antiga.

O esforço de Napoleão para levar tantos estudiosos ao Egito não estava afastado de todo de suas intenções militares, pois

A Campanha do Egito seria um dos momentos caros à lenda napoleônica e teria um importante papel na construção de imagens que seriam ventiladas ao longo do Império. Inicialmente ela reforçou a imagem (surgida na primeira Campanha da Itália) do Bonaparte libertador que recobria as conquistas territoriais com a justificativa de libertação dos povos, afinal ele propunha restaurar, através de suas intervenções militares, a antiga glória do Egito, que ele dizia sufocada pelo domínio dos ingleses e seus aliados, trazendo-o em direção às luzes da modernidade, dentro do mais puro espírito de predestinação histórica que dominava então a França revolucionária. (STOIANI, 2002, p.44)

Graças a isto, o trabalho que resultou da expedição napoleônica representa um marco para o estudo da história do Egito, não só pela disponibilização de materiais para pesquisas que se pôde ter a partir de então, mas também porque o interesse pela história e pelas riquezas do país foi ampliado no século XIX e continuou em progressão no século XX, fazendo o mundo voltar os olhares para ele. Nesse período “inaugurado” por Napoleão,

arqueólogos, paleoantropólogos, caçadores de tesouros e também muitos historiadores de vários países se interessaram pela civilização do Nilo. Muitas escavações foram realizadas revelando objetos, sarcófagos com cadáveres mumificados, joias, instrumentos de trabalho, papiros, dentre muitos outros artefatos que mimetizaram a historicidade do povo egípcio. Livros foram escritos para contar a(s) história(s) do cotidiano daqueles que durante tantos séculos repousaram no deserto. (MELLA, 1994, p. 11) “Descreveu-se, finalmente, o próprio país, de norte a sul, tendo sido assinalados, desenhados, medidos, todos os monumentos visíveis naquela época, fossem eles faraônicos, cristãos, árabes ou turcos.” (SAUNERON, 1970 p. 13)

A expedição de Napoleão era primeiramente de caráter militar, portanto os estudiosos acompanhavam as tropas e se demoravam em suas observações apenas o tempo que os soldados permaneciam acampados nestes lugares. Mesmo com esse aspecto que dificultava o trabalho dos “sábios napoleônicos”, o resultado de suas pesquisas foi impressionante. Com o que foi observado entre 1798 e 1801 foram publicados 21 volumes intitulados *Description de l'Égypte, Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française* publicado entre 1809 e 1829, contendo gravuras e descrições sobre o moderno e o antigo Egito.

É claro que todo esse interesse não foi despertado apenas em profissionais capazes de catalogar o que fora encontrado. O interesse pelo Egito e pelo Oriente percebia-se inclusive na literatura romântica, que tinha certo gosto pelo passado. Falar sobre, possuir algo que pertencesse ao Egito estava na moda. Nos anos que se seguiram, muitos objetos foram retirados sem as preocupações com que hoje os arqueólogos consideram indispensáveis para compreender a coerência dos objetos escavados e trazidos a público, de modo que o contexto em que ele estava inserido possa de alguma maneira – mesmo que seja impossível de todo – ser recuperado. Além desses erros no momento da escavação, muitos artefatos foram perdidos, quebrados, rasgados, para serem vendidos como relíquias, tornando impossível a restauração de sua forma e significado.

De fato, havia muito para contar e para compreender sobre aquele povo e não foram apenas os volumes da *Description de l'Égypte* que foram produzidos sobre o tema na época. No entanto, nos anos iniciais de interesse pelo Egito ainda não haviam decifrado a complicada escrita hieroglífica, mesmo que esta tenha sido encontrada pelos estudiosos do fim do século XVIII, demorou quase vinte anos para que se decodificasse a Pedra de Roseta, estela que contém um mesmo texto em hieróglifo, demótico e grego antigo, sendo este último o fator crucial para a compreensão do primeiro. Foi Jean-François Champollion o responsável pelo trabalho, divulgado em 1822 e, embora de grande importância para o estudo dos textos egípcios, levou ainda alguns anos para que outros códigos da escrita fossem compreendidos e “traduzidos” de forma confiável. (VERCOUTTER, 1986, p14)

2. Champollion e os primeiros estudos sobre o Egito

Antes da descoberta dos sábios napoleônicos, o que se conhecia sobre o Egito era legado dos autores gregos. Segundo Vercoutter (1986, p. 14), após o fechamento dos templos no século VI d.C a escrita egípcia deixou de ser interpretada e tornou-se língua morta. O que havia sido escrito até então estava nas obras de Heródoto, Diodoro da Sicília, Estrabão e Plutarco. De autoria egípcia, só havia os fragmentos de um sacerdote da era ptolomaica chamado Manethon. Ele escreveu uma história do Egito denominada *Aegyptica*, baseada em escritos antigos como o Papiro de Turim e a Pedra de Palermo (Dorbenstein, 2010, p. 60) O que restou da história escrita por esse sacerdote encontra-se nas obras de Josefo, Julio Africano e Eusébio de Cesaréia, que foram compiladas por Georges de Syncelle, no século VIII d.C. “A obra de Manethon é, portanto, apenas a cópia de uma cópia e o único proveito que dela se tirou foi a divisão da história do Egito em trinta dinastias” (VERCOUTTER, 1986, p. 15).

Até a descoberta da Pedra de Roseta havia um enorme silêncio na história egípcia, pois não se podia decifrar o significado de suas inscrições. A Pedra de Roseta era um bloco de basalto negro que fora encontrado na expedição napoleônica e que foi descrito na *Description de L'Égypte*. Percebeu-se nela três tipos de escrita. A grega, que já era conhecida, indicava que o texto tratava-se de um decreto de Ptolomeu V. Os outros caracteres

eram os mesmos que se encontravam nos monumentos egípcios. Compreendeu-se assim que uma das escritas era o que foi chamado posteriormente de hieroglífica (escrita sagrada) e a outra o demótico, usada nos documentos populares.

De acordo com Vercoutter, o francês Jean-François Champollion era um grande estudioso das línguas orientais e se dedicou por muitos anos até que decodificasse o que chamou de alfabeto egípcio, interesse que surgiu quando era ainda muito jovem, tão logo tomou conhecimento da existência da pedra que continha os caracteres. Tinha formação clássica, podendo utilizar-se de fontes gregas e latinas. Aprendeu o copta – língua que os monges egípcios utilizavam ainda no século XIX –, o árabe, o hebreu, o sírio, o etíope e o “caldaico”. Tudo isso para tornar-se apto a compreender os hieróglifos. (VERCOUTTER, 1986, p. 11)

O trabalho de compreensão destes sinais não começou com Champollion. Outros estudiosos antes dele tentaram compreender a localização das palavras no texto, uma vez que já era acordado que o mesmo que se dizia em grego estava no demótico e no hieroglífico. Porém, parte da pedra que continha essa parte da escrita estava quebrada, dificultando a compreensão de quantas linhas faltavam. Ao menos o nome de Ptolomeu foi localizado, mas o restante do trabalho de tradução foi completado por Champollion.

Ainda de acordo com Vercoutter, passaram-se muitos anos até que os esforços de Champollion fossem concretizados em um trabalho de valor significativo para o estudo do Egito faraônico. Champollion começa pela Pedra de Roseta, mas sente a necessidade de comparar outros textos também em hieróglifos. Após ter acesso a muitos textos, bem como inscrições em monumentos no Egito, ele compreende o significado dos símbolos individualmente, chegando mais perto de compreender o contexto dos escritos.

A escrita egípcia era composta de sinais fonéticos e as vogais eram praticamente inutilizadas. Os sinais ideográficos eram inúmeros e muitos representavam exatamente o que se queria dizer, como é o caso do desenho praticamente perfeito de cada animal. A descoberta de Champollion e a

publicação de suas obras foram os primeiros passos – fundamentais – para um estudo mais rico e mais complexo da civilização egípcia.

O texto de Sauneron (1970, p. 18) indica que Champollion morre jovem na França em 1832, antes de concluir muitos de seus estudos. No entanto, publica *Précis di systéme hyéroglyfique, Panthéon égyptien* e *Monuments de l’Egypte et de la Nubie*. Sua gramática e seu dicionário são também de grande importância para a inauguração da egiptologia científica, tornando Jean-Françoise Champollion uma das figuras mais importantes no que diz respeito ao estudo do Egito Antigo.

3. A egiptologia

Após a morte de Champollion, Sauneron (1970, p.19) afirma que é outro francês quem se destaca no campo dos estudos egípcios. Auguste Mariette vai até o Egito com o intuito de conseguir documentos para uma coleção em Paris, tendo em vista que as de Londres e do Vaticano eram de maior importância na época. No entanto, já não era mais tão simples como há alguns anos atrás conseguir esse tipo de material. Acabou por empreender escavações com uma equipe própria aonde viria a descobrir as sepulturas dos bois Ápis em Saqara. Devido ao sucesso que repercutiu dessa empreitada foi, em 1858, nomeado *mamur* pelo vice-rei, ou seja, torna-se o diretor responsável pelas antiguidades egípcias.

Sauneron (1986. p. 22) informa que com este novo encargo, Mariette supervisiona várias escavações que são um grande marco para as atividades arqueológicas no território egípcio. Cria também um museu e o primeiro Serviço de Antiguidades. Publicou parte dos resultados de suas pesquisas como os *Monuments divers*, conjuntos de papiros que foram encontrados durante suas escavações ou das equipes que supervisionou e outras obras que foram publicadas de forma póstuma como os *Mastabas de l’Ancien Empire*.

Contudo, não foi só a França que demonstrou grande interesse pelos estudos do Oriente próximo nesse momento. Uma grande expedição da Prússia foi comandada por Richard Lepsius, de 1842 a 1845. Toda a extensão do Nilo estava repleta de arquitetos e desenhistas que fizeram um rico

levantamento, sobretudo, das necrópolis de Mênfis e Tebas, resultando na produção de doze volumes. Estudiosos italianos, ingleses e também estadunidenses participaram de grandes pesquisas arqueológicas que, posteriormente foram continuadas em seus próprios países, principalmente nos museus e nas universidades. (SAUNERON, 1970, p. 26)

As primeiras décadas de pesquisas foram de importância vital para os estudos do Egito antigo, uma vez que, com base em Sauneron (1986, p.22)

(...) na segunda metade do século XIX, a egiptologia que nascera tão impetuosamente com a expedição de Bonaparte ao findar do século precedente, havia percorrido um caminho extraordinário; as grandes edições de *Description de l’Egypte* de Champollion, das obras de Rossellini, de Prisse, de Lepsius, tinham posto ao alcance de todos uma quantidade enorme de monumentos; Champollion fornecera a explicação escrita, um dicionário, uma gramática; Mariette acabava de revelar com suas escavações um impressionante lote de novos monumentos que tinham permanecido até então escondidos; criara um museu, organizara um serviço destinado a proteger os monumentos, evitando que continuassem a ser saqueados e salvaguardando seu conteúdo. Está encerrado o período heroico, já se anuncia a era da egiptologia organizada.

Às grandes descobertas do início do século XIX, seguiram-se escavações e pesquisas cada vez mais minuciosas. Um dos principais momentos desta área após estes anos “heróicos” foi o achado do túmulo do faraó Tutancamon, em 1922, por Howard Carter, sendo o primeiro rei encontrado com sua sepultura preservada e ainda cheia de jóias e móveis, conforme foi amplamente divulgado nos meios de comunicação da época e hoje estão disponíveis nos espaços virtuais a que acessamos.

Algumas das primeiras escavações buscavam encontrar os indícios que a Bíblia traz no Velho Testamento, sobre as cidades egípcias que são nelas citadas. O trabalho prossegue com as pesquisas em todas as grandes cidades, principalmente Mênfis e Tebas. São encontrados túmulos, templos, móveis, papiros, jóias e múmias, de valor inestimável para a pesquisa histórica, mas muito ainda pode ser feito neste campo, pois o trabalho arqueológico

demonstra que ainda estão escondidas muitas preciosidades. (SAUNERON, 1986, p. 30)

Com a consolidação da egiptologia, a mesma não se resume apenas aos métodos de extração dos artefatos mas lhe são atribuídos também os papéis de preservação e salvaguarda dos objetos antigos, sua pesquisa e identificação e a divulgação dos resultados, por meio dos textos científicos. Graças a esta “evolução” no campo desde as primeiras descobertas dos sábios de Napoleão, dispomos de múltiplas possibilidades de pesquisa no que se refere á longa trajetória do povo egípcio. Atualmente, as escavações continuam em várias áreas, auxiliadas pela tecnologia cada vez mais elaborada, permitindo que se use mais precisão tanto para encontrar quanto para preservar os locais e os objetos encontrados – que agora não se limitam mais ao deserto e às margens do Nilo, mas também podem ser explorados o interior do mar e do próprio rio.

4. O Egito Antigo na contemporaneidade

Conforme as técnicas científicas avançam e o saber histórico adquire novas perspectivas de interesse, o estudo da egiptologia se alarga para abarcar as novas e infinitas possibilidades. Além do muito que ainda pode ser encontrado através da arqueologia, os objetos já identificados podem servir de indícios para as pesquisas de diversas formas e, com a admissão de novas abordagens, há sempre algo que ainda possa ser dito sobre o que parece ter sido esgotado de significado. A abertura de novas fontes e novos objetos de pesquisa permite aos historiadores lançar mão de novos olhares sobre um mesmo tema.

A esse grande interesse pela história egípcia que se iniciou no fim do século XVIII, seguiu-se uma grande produção de obras científicas ou não a respeito do tema. Segundo Cardoso (1996, p. 8) “nenhuma outra cultura da Antiguidade inspirou a elaboração de tantos livros de divulgação destinados ao grande público.” O Egito traz consigo os mistérios e o exotismo de uma cultura temporalmente muito distante da nossa, mas cujos símbolos ainda podem ser encontrados em nosso cotidiano.

É esse interesse permanente de compreender o “outro”, o “diferente”, o “exótico”, que faz nós, ocidentais, expressarmos esse desejo de pesquisar e conhecer sobre as antigas sociedades do Oriente. Como cita Said (2007, p. 39) que:

nenhuma produção de conhecimento nas ciências humanas jamais pode ignorar ou negar o envolvimento do seu ator como sujeito humano nas próprias circunstâncias, deve ser também verdade que, quando um europeu ou um americano estuda o Oriente, não pode haver negação das principais circunstâncias de sua realidade: ele se aproxima do Oriente primeiro como um europeu ou como um americano, em segundo lugar como um indivíduo.

Enquanto houver interesse nesse estudo é possível encontrar novos caminhos para estudar o que já foi dito. Segundo Bakos (2001, introdução):

as descobertas arqueológicas, as transliterações de textos das linguagens mortas para as atuais e, especialmente, as novas questões que propomos às fontes tradicionais, propiciam inúmeras informações e inspiradas interpretações sobre o passado.

Desse modo, estudaremos a seguir a metodologia do estudo da iconografia na história antiga, tendo em vista que, diante das fontes que são passíveis de estudo para o caso da história antiga, nesse caso, do Egito Antigo, as fontes iconográficas são mais acessíveis, estando disponíveis nas mídias eletrônicas e nos propiciam múltiplas interpretações.

CAPÍTULO 2

IMAGENS DA ANTIGUIDADE: O USO DE FONTES ICONOGRÁFICAS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO

1. Outras fontes para a Nova História

Durante o século XIX, o chamado *Século da História*, predominava o uso de documentos ditos oficiais como fontes para a pesquisa histórica. O documento – essencialmente um texto escrito – determinava o que se dizia sobre os acontecimentos, pois eles continham a verdade dos fatos. No entanto, no fim do século XIX e início do século XX esta situação começa a ser modificada e a forma de abordar as fontes passa por uma revolução importante. O texto escrito, não sendo capaz de responder às demandas que surgem com as novas problemáticas propostas tem seu sentido expandido, como já demonstra Fustel de Coulangnes ainda em 1862:

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos [...]. Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação [...]. Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história. (COULANGES, ed. 1901 apud LE GOFF, 2013, p. 489).

Podemos perceber que, mesmo de modo pontual, a utilização de novas fontes, bem como da interdisciplinaridade, já se introduz no fazer historiográfico desde pelo menos a segunda metade do século XIX. Mas, é com os primeiros historiadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada em 1929 na cidade de Paris, que as possibilidades de estudo e escrita historiográfica dá passos importantes para a ampliação destes usos.

Marc Bloch e Lucien Febvre foram os fundadores dessa revista, que representou uma “Revolução Francesa da Historiografia” (BURKE, 1991. p. 11), inaugurando conceitos como o de *história-problema*, onde a história não seria mais uma ciência do passado, mas que voltava a este para responder questões do presente. Também se passou a buscar um diálogo com outras disciplinas, como a sociologia e a geografia, fazendo com que essa Primeira Geração tenha inaugurado uma nova forma de conceber os métodos do

historiador, importando-se em escrever uma história de forma abrangente e não mais privilegiando apenas um aspecto, como o político, por exemplo.

Após a Segunda Guerra Mundial, Fernand Braudel assume a revista no que se chama de Segunda Geração. Com ele, e com sua obra *O Mediterrâneo* (1949), os *Annales* continuam focados na interdisciplinaridade e na longa duração, mas agora ganham mais características de um movimento, uma escola, mesmo sempre sendo uma revista. Febvre afirma que “os *Annales* modificam-se porque à sua volta tudo se modifica: os homens, as coisas, numa palavra, o mundo” (FEBVRE, 1946 apud DOSSE, 1994. p. 102)

Por volta dos anos de 1970, durante a chamada Terceira Geração dos *Annales*, um dos historiadores mais importantes nesse período, Jacques Le Goff, juntamente com Pierre Nora lança *Faire de l'histoire*¹, em três volumes, o primeiro sobre *Novos Problemas*, o segundo sobre *Novas Abordagens* e o terceiro sobre *Novos Objetos*. Estas obras tratavam das mudanças ocorridas na historiografia neste período da *Nouvele Histoire* (Nova História), mesmo que alguns destes enfoques já tenham sido utilizados anteriormente, neste momento se propagam de forma significativa, revolucionando o campo da história.

Faire de l'histoire é mais uma das contribuições dos *Annales* para a historiografia. Nesta obra, os novos problemas, abordagens e objetos representam o que há de novo na escrita da história, principalmente na França. Estes novos olhares ajudam na manutenção da renovação desse movimento historiográfico em si e também na atualização da própria história, enquanto uma ciência adaptável às questões do presente.

Dizemos então, que neste período, a quantidade do que pode ser chamado documento se expande consideravelmente, uma vez que não apenas os textos escritos eram passíveis de ser observados pelo olhar questionador do historiador, mas um número muito maior de suportes, possibilitando abordar temáticas múltiplas. Desse modo, o olhar que antes se voltava exclusivamente para os grandes feitos e os grandes homens do passado, tem agora um horizonte muito mais amplo para deter sua atenção, interessando-se, também,

¹ Lançada em Paris pela Éditions Gallimard em 1974.

pelos acontecimentos de natureza cotidiana e por trazer para a história as experiências, crenças, costumes e ideias dos homens comuns.

Esta revolução é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. O interesse da memória coletiva da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos (...) (LE GOFF, 2013, p. 490).

Graças a esta reforma da prática historiadora, a partir de que os problemas e as abordagens a que se lançam os historiadores vão ser alterados, teremos a inclusão de fontes que anteriormente foram negligenciadas. Desse modo, a iconografia ganhou mais destaque para a pesquisa histórica, tanto por permitir questionamentos a períodos onde a escrita não estava em uso, quanto por possibilitar abordagem de aspectos culturais, sociais e religiosos que antes não eram considerados pelos historiadores. O que antes poderia ser encarado como uma mera ilustração, retrato da realidade, utilizado apenas para confirmar as conclusões a que os pesquisadores chegaram utilizando outros tipos de fontes, podia ser agora passível de crítica, de interpretações múltiplas.

Apesar de ser um recurso relativamente recente, a imagem – seja pintura, fotografia ou outro tipo – precisa ser submetida a certos métodos, como ocorre com outras fontes utilizadas pelo historiador. Longe de ser retrato fiel de uma determinada época, ou acontecimento, a imagem traz em si as escolhas do seu autor do que seria mais importante destacar, sendo influenciado pelo contexto de sua época e também pelo objetivo que se buscava com a produção das imagens.

2. A iconografia e os estudos da antiguidade

Para pensar o estudo das sociedades da antiguidade, faz-se necessário levar em consideração a utilização da imagem como indício. Dizemos aqui *indício*, em concordância com Peter Burke, ao considerar que estes são vestígios do passado que estão sujeitos a interferências propositais ou não de

peças ao longo do tempo, de modo que a “verdade” já não é possível de recuperar usando as *fontes* que chegariam cada vez mais perto da pureza dos fatos. Estas imagens, que podem se apresentar de diversas maneiras como estátuas, esculturas, pinturas, entre outras, tornam o estudo da antiguidade muito mais rico e, em alguns casos, é o único modo de torna-lo possível.

Tradicionalmente, os historiadores têm se referido aos seus documentos como “fontes”, como se eles estivessem enchendo baldes no riacho da Verdade, suas histórias tornando-se cada vez mais puras, à medida que se aproximam das origens. A metáfora é vívida, mas também ilusória no sentido de que implica a possibilidade de um relato do passado que não seja contaminado por intermediários. É certamente impossível estudar o passado sem a assistência e toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas. (...) O termo ‘indícios’ refere-se a manuscritos, livros impressos, prédios, mobília, paisagem (como modificada pela exploração humana), bem como a muitos tipos diferentes de imagens: pinturas, estátuas, gravuras, fotografias. (BURKE, 2004, p. 16)

Acreditamos que as imagens são documentos tão importantes no trabalho do historiador quanto qualquer outro como os relatos orais e escritos, por exemplo. Longe de ser a verdade propriamente dita, uma forma congelada de um determinado momento do passado tal qual aconteceu, o registro imagético representa um ponto de vista, de determinado artista ou mesmo de um grupo de pessoas que foram responsáveis pela encomenda daquele trabalho (PAIVA, 2002, p.19). Por esse motivo, são possibilidades sobre o ocorrido e, do mesmo modo que os responsáveis por ilustrá-lo escolheram o que ficaria destacado, aquele que faz a “leitura” também elege o que lhe chama mais atenção e interpreta de forma que pode ser muito diferente da ideia que se tinha o autor, no momento da execução.

De forma semelhante a outros documentos, a iconografia precisa ser submetida a métodos específicos, para que assim as questões levantadas pelos historiadores que as utilizam sejam respondidas. Devemos considerar que estas foram concebidas em um momento específico e com intenções. Não

é possível acreditar na neutralidade das imagens, nem de quem produziu nem dos que se propõem a interpretá-las. Portanto, como enfatiza Paiva:

A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem de ser explorada com muito cuidado. (PAIVA, 2002, p.17)

Ainda de acordo com Paiva, é preciso levar em consideração a imagem não se esgota em si mesma, sendo possível fazer múltiplas interpretações, de acordo com o interesse, o posicionamento pessoal daquele que interpreta e do momento histórico em que ele está inserido. Sendo a história uma construção do presente, buscando sempre responder as questões e atender aos interesses de sua época, o fazer do historiador diante de qualquer fonte é pautada por essa assertiva.

O interesse pelas imagens também se modifica de acordo com a época, cujos valores e significados atribuídos a cada uma delas também se modifica de acordo com o contexto do período em que ela é analisada.

Com o auxílio da crítica interna e externa das fontes, e atento às questões “Quem?” “Como?” “Quando?” “Onde?” “Por quê?” “Para que?” “Para quem?” O historiador se habilita a utilizar de forma mais eficaz a iconografia como fonte de sua pesquisa, evitando a armadilha de fazer dela um “simulacro da verdade” (PAIVA, 2002, p. 18)

No que diz respeito especificamente à história antiga, a imagem representa um papel significativo. O uso desse tipo de recurso é relativamente novo, mas é de uma riqueza inestimável. No caso do estudo da religião, que é o foco desse trabalho, a imagem pode ser uma fonte de grande importância, não só pela dificuldade de acesso aos textos, mas como nova possibilidade interpretativa que não deixa o pesquisador dependente de uma só fonte. Nas palavras de Marc Bloch:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir

os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios divergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza. Que historiador das religiões se contentaria em compilar tratados de teologia ou coletânea de hinos? Ele sabe muito bem que as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliários dos túmulos têm tanto a lhe dizer sobre as crenças e as sensibilidades mortas quanto muitos escritos. (BLOCH, 2002, p. 80)

Comemoramos o grande trabalho de egiptólogos como Champollion que permitiram decifrar a escrita egípcia, mas concordamos com Burke (2004, p. 13) quando diz que “a história do Egito antigo seria imensuravelmente mais pobre sem o testemunho das pinturas nos túmulos”. A arte egípcia está diretamente ligada às crenças religiosas de seu povo, por isso não há lugar melhor para encontrar esses testemunhos do que os templos e os túmulos, lugares sagrados. (BRANCAGLION Jr, 2001, p 18)

Elegemos, portanto, algumas imagens encontradas nos túmulos egípcios do período do Novo Império, principalmente entre 1400 e 1100 a.C. aproximadamente, período em que a deusa Ísis, nosso objeto de estudo, ganha maior destaque e maiores representações. Veremos a seguir um contexto geral do mito isíaco no período faraônico, seguido das imagens e suas interpretações.

CAPÍTULO 3

MÃE, RAINHA E DEUSA: AS FACES DE ÍSIS NO EGITO FARAÔNICO

1. A religião no Egito Antigo

Antes mesmo da formação do Egito como primeiro reino unificado que se tem notícia, o culto a divindades era praticado em todos os *nomos*. Cada um deles possuía deuses e/ou animais sagrados a quem ofereciam cultos, sem que houvesse uma união coesa de todos eles. Com a unificação, passou a se admitir uma divindade nacional, sem que os demais deixassem de ser considerados importantes localmente. Na verdade, muitos continuaram até mais importantes do que aqueles que figuravam como os deuses oficiais do país. (JOHNSON, 2002, p. 214)

As formas mais “primitivas” dessas divindades eram de animais. Posteriormente foram incorporados os deuses com forma humana e o híbrido com partes humanas e partes de animais, embora ainda houvesse animais considerados sagrados, como é o caso do boi Ápis. Este *teriomorfismo* é uma das características mais conhecidas da religião egípcia, pois podemos facilmente identificar Hórus, ora representado como falcão ora como um homem com cabeça de falcão, bem como Anúbis que possuía corpo de homem e cabeça de chacal, Tot, com corpo de homem e cabeça de íbis, entre outros.

Não se pode dizer, no entanto, que a adoração a deuses antropomórficos seja uma evolução na forma de adoração de deuses zoomórficos e sim uma variante. Embora muitos deuses fossem representados, ora com forma humana, ora com forma animal e alguns com o híbrido destes, ainda havia aqueles, como Ptah, que só foi representado como um homem, embora posteriormente tenha seu culto associado ao boi Ápis. Mesmo com as múltiplas representações, os egípcios acreditavam que a “forma verdadeira” dos deuses era desconhecida da maioria dos homens, pois só era revelada se o deus assim desejasse. (DAVID, 2011. p. 87)

Vários mitos foram disseminados para embasar a vida dos primeiros deuses, que estavam diretamente ligados à fundação do mundo. Estas histórias, mais do que explicar o surgimento da terra, do céu e da humanidade eram relatos importantes para compreender o funcionamento das estruturas sociais, tanto no âmbito familiar, quanto estatal. Muitos relatos são bastante antigos, enquanto outros foram surgindo em períodos posteriores. Enquanto alguns foram se fortalecendo e mesclando características de outros quando em contato com as tradições de outros vilarejos, muitos sumiram gradativamente, pois “um deus poderoso sempre podia habitar e reforçar um outro menor sem que cada um perdesse a sua individualidade particular.” (JOHNSON, 2002, p. 203) Ao longo da história egípcia, a adoração também incorporou deuses e características de povos não egípcios, principalmente após a dominação grega em 332 a.C.

Dentre os mitos mais populares que explicam o aparecimento dos primeiros deuses e a criação do mundo estão os vinculados às cidades de Mênfis, Hermópolis e Heliópolis, que datam do Antigo Império. Apesar das diferentes versões desses mitos, convergiam na ideia de que o surgimento se dera a partir de um caos primordial e que cada parte do mundo criado era na verdade a manifestação dos deuses.

No mito de Mênfis, Ptah era a divindade suprema. Foi o responsável pela criação de todas as coisas, através de sua fala, pois o que desejava em seu coração era criado pela palavra. Já na de Hermópolis, encontramos a *ogdoada*, ou grupo de oito deuses, quatro masculinos e quatro, femininos. São eles Num e Naunet (águas), Huh e Hauhet (eternidade), Kuk e Kauket (escuridão) e Amon e Amaunet (ar). A partir desses deuses, todas as coisas, incluindo a humanidade, teriam surgido.

Foi, porém o mito de Heliópolis que tornou-se predominante. Nele, o caos primordial era a água – Num. Atum, o sol (posteriormente, Atum era apenas uma das manifestações do sol, o disco visível solar ou o sol da tarde), que surgiu de uma colina na terra, criou o primeiro casal, Shu e Tefnut, ar e umidade, a partir de três teorias: pelo escarro, pela masturbação ou pronunciando seu nome. Deles nasceram Geb e Nut, o céu e a terra. Esse

casal de irmãos, por sua vez, gerou quatro filhos, o casal Seth e Néftis e o mais conhecido, Osíris e Ísis. Esta era a enéada de Heliópolis ou o panteão dos nove.

2. O mito de Osíris

Os mitos egípcios como conhecemos são variações de múltiplas versões. Não se pode afirmar qual o mito “original” nem até que ponto foi incorporado parte do mito de outro deus. No caso de Osíris, seu mito chegou até nós de forma mais completa através de Plutarco (50-120 d.C) com a obra em grego *De Iside e Osiride*. Apesar de já conhecido em épocas anteriores, Osíris se populariza no Médio Império.

Segundo a versão de Plutarco, Osíris casou-se com sua irmã Ísis e juntos protagonizam um dos mitos mais antigos e conhecidos do Egito Antigo. Tendo se tornado primeiro faraó e soberano de todo Egito, Osíris foi o bom rei, pai de todos os homens, que os ensinou a agricultura e os princípios de *maat* – verdade e justiça (DAVID, 2011. p. 211). No entanto, foi ele também o objeto de inveja de seu irmão Seth, que elaborou um plano engenhoso para usurpar seu lugar. Mandou fazer um sarcófago na medida de Osíris e convidou o irmão para uma festa em sua homenagem. Seth prometeu o belo sarcófago de presente àquele que coubesse nele, desse modo, mesmo que outros convidados tentassem, apenas Osíris preenchia o espaço de forma perfeita. Ao entrar no caixão, Seth trancou o irmão e o atirou no Nilo, que levou o sarcófago para o mar e parou em uma praia de Biblos, na Fenícia.

No lugar onde o sarcófago parou, nasceu uma bela árvore que o rei de Biblos mandou cortar e levou para seu palácio para servir de coluna. Ísis sabendo disso, se disfarça de serva para poder entrar no palácio. Após se revelar como deusa, lhe é permitido levar o cadáver do marido. No entanto, as aflições da deusa estão longe do fim. Seth rouba o corpo de seu irmão e o divide em 14 pedaços que são espalhados pelo país. Ísis, incessante em sua busca, reúne as partes que encontra, faltando apenas o falo, que teria sido engolido por um peixe. O deus Anúbis, filho de Seth e Néftis envolve o corpo do morto em tiras de linho e faz a primeira mumificação. Juntamente com sua irmã Néftis. Ísis inicia uma espécie de ritual onde as duas pronunciam

encantamentos na tentativa de ressuscitar seu irmão, posicionando à cabeça e aos pés do morto, a “grande carpideira” e a “pequena carpideira” lamentam a morte ao mesmo tempo que tentam trazê-lo de volta à vida.

Uma das partes mais intrigantes dessa história é de que Ísis, através de magia, transforma-se em falcão, bate as asas sobre o marido e pousa no lugar do falo, ressuscita-o e engravida dele. Mas Osíris não pode mais habitar o mundo dos vivos, tornando-se assim rei no Duat, o submundo. De Ísis nasce Hórus, criado pela mãe, escondido e protegido, até chegar o momento de reivindicar o trono egípcio que seria seu por herança. Quando finalmente derrota seu tio Seth, que seria a personificação do mal, Hórus é coroado faraó, reinando nesta vida em lugar de seu pai, enquanto ele reina no além-túmulo, como deus dos mortos.

O culto osiriano perpassa todos os períodos da civilização egípcia, assim como é cultuado em diversas partes do território. De fato, Osíris recebeu características dos mitos de outros deuses ao longo do tempo, como parte de seu próprio mito. Por sua relação com a mumificação e a vida após a morte, Osíris é venerado de forma abrangente e quase sem alterações até a chegada do cristianismo. O modelo familiar do qual fazia parte também era de grande importância para a sociedade faraônica, que espelhava-se no modelo divino para atingir o equilíbrio, ou *maat*, entretanto, essa tríade divina só parece ter sido difundida num período posterior, muitos anos depois do estabelecimento do culto. (TRAUNECKER, 1995. p. 77)

Apesar de sua popularização, Johnson (2002, p. 207) considera que Osíris não atingiu o status de divindade estatal, como ocorreu por muito tempo com seu filho Hórus e posteriormente com Amon e – brevemente durante o reinado de Akenathon – Aton. Osíris era uma das divindades mais conhecidas e adoradas no país e os grandes templos, pelo menos a partir do Novo Império, possuíam salas onde os sacerdotes restabeleciam o mito de Osíris.

Como parte de sua função de rei do Duat, Osíris era responsável por julgar cada homem após a sua morte. O que conhecemos hoje como “tribunal de Osíris” chegou até nós através da preservação dos hieróglifos que compõem o que chamamos de Livros dos Mortos.

Na realidade, o nome Livro dos Mortos em egípcio é *Per-em-hru*, tem tradução mais próxima de “Livro para sair à luz”, sendo o título Livro dos Mortos (Kitabul-maitim), de origem árabe. O livro é uma coletânea de hinos e poemas egípcios que foram compilados de modo a acompanhar o morto na passagem para o além-túmulo. As múmias eram colocadas nos sarcófagos com os papiros que continham estes poemas, sendo assim a chave para a passagem pelo tribunal de Osíris, contendo os encantamentos e palavras-chave que conduziam o morto nesta última tarefa árdua. O livro também era cuidadosamente ilustrado, mostrando cada etapa da jornada, inclusive a pesagem do coração que, seguindo os princípios de equilíbrio de maat, se este fosse mais pesado ou mais leve do que uma pena de avestruz, o réu seria devorado pelo monstro do Nilo, Amit.

Na figura 1, Osiris está sentado em seu trono, tendo nas mãos o cetro *heqa* e o chicote, símbolos de lei e ordem, utilizados também na indumentária dos faraós de períodos posteriores. A cor da pele do deus é verde, que os egípcios associavam a fertilidade e renascimento. Diante dele, na altura de seu joelho, vemos os quatro vasos canópicos, que recebiam os órgãos vitais do morto no processo de mumificação.

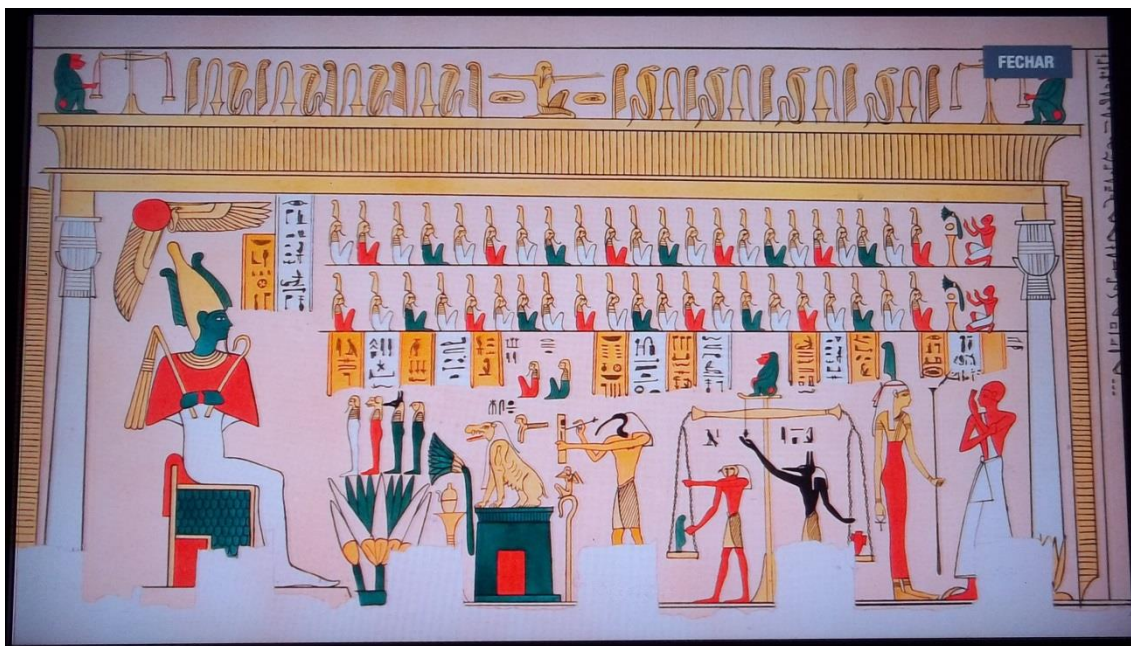


Figura 1 Tebas. Hipogeus. Livros dos Mortos. Manuscritos em papiro com escrita hieroglífica. Primeira parte. Description de L’Égypte, Antiquités, vol. II, pl. 72. Coleção Banco Itaú.

Outros elementos são, ainda da esquerda para a direita, o monstro Amit sentado, Tot, com cabeça de íbis exercendo seu papel de escriba, Hórus do lado da balança que se encontra a pena e Anúbis, do lado do coração. No fim da imagem, distinguimos a deusa Maat com a pena de avestruz na cabeça e o símbolo ankh na mão esquerda, diante do que parece ser o proprietário do Livro dos Mortos, ou seja, aquele que está sendo julgado.

3. Ísis, a maga

O papel de Ísis no mito osiriano é fundamental pois é ela a responsável pela ressurreição do seu esposo e também por suscitar a ele uma descendência mesmo após a morte. Por causa de todos os momentos de grande astúcia de Ísis, ela é conhecida como “grande maga” e “sábua”. A crença era de que ela conhecia todos os segredos do universo, inclusive o nome secreto de Rá. Sobre este aspecto, conta-se que do escarro do deus, Ísis fez uma serpente para picá-lo. Não tendo como ser curado do veneno, ele aceita a ajuda da deusa, mas em troca deve lhe dizer seu nome secreto, que não era conhecido de nenhuma outra divindade. Ela guarda este segredo consigo, mas agora possui todos os poderes, incluindo o do poderoso Rá.

Christian Jacq (2000, p. 28) associa Ísis a outra serpente, *Uraeus*. Segundo este autor, é ela que se ergue como proteção ao faraó. Outros autores, como Elisabeth Delange², afirmam que este símbolo de proteção foi na verdade criado por Rá para substituir seu olho perdido. De todo modo, é possível perceber em algumas pinturas e esculturas de Ísis sua cabeça adornada com uma tiara e o *uraeus*, que também estava presente na coroa dos faraós.

As cheias do Nilo eram associadas à figura isíaca pois, segundo a lenda, eram suas lágrimas, derramadas por seu marido morto, que faziam o volume das águas do rio aumentarem. Por isso, a estrela que hoje é conhecida como Sírius, mas que os egípcios chamavam de Sótis, aparecia no céu sempre no período de cheia, era um presságio desta deusa.

² Ver <http://www.fascinioegito.sh06.com/uraeus.htm> acesso em 20/01/2015

Veremos agora algumas imagens representativas da deusa Ísis. Abordamos neste trabalho o culto da deusa desde o Antigo Império, perpassando todo o período faraônico. No entanto, como ela ganha maior projeção no Novo Império (efeito que perdurará até o século VI d.C.), escolhemos iconografias encontradas em tumbas deste período, principalmente entre 1400 e 1100 a.C, aproximadamente, período das dinastias XVIII , XIX e XX.



Figura 2 Ísis estendendo as asas para ressuscitar Osiris. Túmulo de Iry Nefer. JACQ, Christian. As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Na figura 1 vemos uma das representações comuns de Ísis. Com asas, sobre o túmulo de Osiris. Relembrando o mito e o momento em que a deusa

transforma-se em falcão, esta imagem era colocada nas tumbas, como é o caso desta, de Iry Nefer. Como responsável direta pela ressurreição de seu marido, ela é associada a esta nova vida, sendo todo morto justo “um osíris.”

Assim como era comum representar nas paredes dos túmulos passagens da vida do morto, o encontro com este e os deuses e sua jornada até o julgamento no tribunal de Osíris também era. Esta forma de Ísis alada não nos mostra outros símbolos que eram também atribuídos a ela, que veremos nas imagens seguintes.

O nome de Ísis em egípcio significa “trono”. Uma das suas formas representativas é a de uma mulher com um trono sobre a cabeça. Podemos ver este exemplo nas figuras 3, 4 e 5.

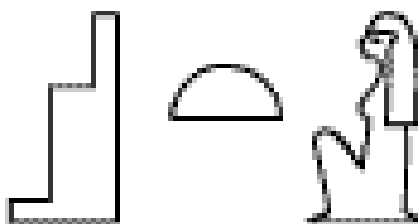


Figura 3 Hieróglifo de Ísis. <http://www.mlahanas.de/Greeks/Mythology/Isis.html>

Na figura 4 podemos observar Ísis, a frente, e sua irmã Néftis ao seu lado, mais ao fundo. Identificamos o trono sobre a cabeça de Ísis, que posiciona a mão erguida a frente de seu rosto, representando adoração. Estando as duas carpideiras no túmulo do rei Sethnakht podemos, pelo que já foi citado anteriormente, compreender que esta era uma figura que acompanhava o morto em sua passagem para o além-túmulo, realizando as preces para que este também fosse “um novo osíris”.

Na figura 5, na mão direita da deusa, vemos o que seria o *ankh*, que significava literalmente “vida”. Este era um símbolo de poder que as divindades geralmente eram representadas segurando ou oferecendo diante do rosto dos reis.

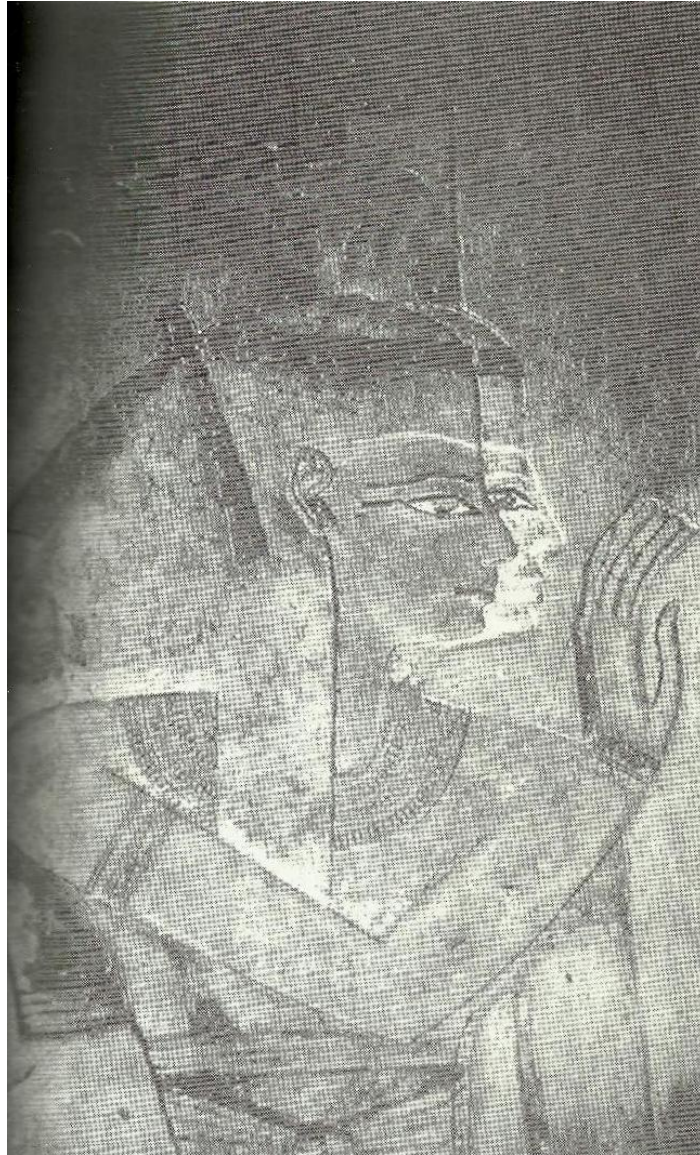


Figura 4 Ísis e Néftis. Túmulo de Sethnakht e Tausert. Vale dos Reis. 1184 a.C. JACQ, Christian. As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

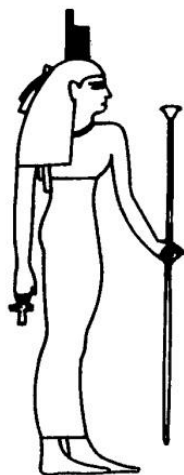


Figura 5 Ísis. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.

No entanto, o símbolo de Ísis não era o ankh e sim o *tyet*. Tendo o nome de “nó de Ísis” ou “sangue de Ísis”, geralmente na cor vermelha, era o nó das roupas das divindades, também significava vida e simbolizava proteção. É possível que o significado de sangue seja associado ao sangue menstrual da deusa.

4. Ísis e Hathor

Outra forma de representar a deusa Ísis era do mesmo modo que se representa a deusa Hathor, com os chifres de vaca e entre eles o disco solar, tendo o uraeus a frente. Os atributos das duas divindades foram mesclados, tendo Ísis incorporado algumas partes do mito de Hathor.

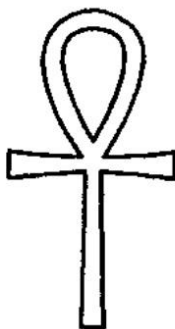


Figura 6 Ankh. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.

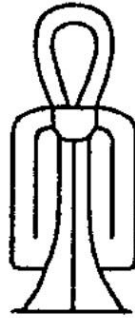


Figura 7 Tyet. The art of Ancient Egypt. A resource for educators. Metropolitan Museum of art. New York.

Hathor era uma deusa bastante popular no período faraônico. Assim como Ísis, era vista como uma grande mãe. Era a vaca celeste que alimentava os deuses. Por isso, ora era representada como deusa com cabeça de vaca, ora com cabeça de mulher e chifres de vaca. Era a protetora dos casamentos e responsável pela manutenção do amor. Seu nome significava “templo de Hórus” (JACQ, 2000, p. 276).

O mito de Hathor conta que ela seria o olho de Rá, que após separar-se dele, teria se transformado na deusa. Este é também conhecido como o mito da deusa distante, pois teria ela permanecido longe de seu pai, Rá e enquanto isso transformou-se em uma leoa sanguinária (também associada a deusa Sekhmet) e posteriormente de uma gata (deusa Bastet), até que finalmente se reconcilia com seu pai na ilha de Fila. Este regresso coincidia com as cheias do Nilo, sendo então a celebração de um novo ano. “Essa assimilação do espírito provedor e protetor a uma deusa é uma excepcional e considerável homenagem prestada ao reconhecido papel da mulher como riqueza do país, fonte de felicidade.” (NOBLECOURT, 1994, p. 36)



Figura 8 Ísis conduzindo a rainha Nefertari. Tumba de Nefertari, Vale das Rainhas. a.C.
Arte egípcia. Pocket Visual Encyclopedia. Scala, 2011. p. 164

Nas figuras 8 e 9, encontradas na tumba da rainha Nefertari, esposa de Ramsés II, e na tumba do faraó Horemheb, respectivamente, observamos a deusa Ísis com seu toucado hathórico. Na primeira, conduz a soberana pela mão, tendo na outra seu cetro. No canto superior esquerdo da imagem também podemos ver o hieróglifo representativo do nome de Ísis, enquanto o de Nefertari encontra-se entre as duas, abaixo do braço esquerdo da deusa. Já na figura da tumba de Horemheb, o faraó está posicionado diante da deusa, que tem o cetro em uma das mãos e o ankh, na outra.

A associação de Ísis e Hathor é importante no momento de maior projeção do mito osiriano, onde Ísis realmente incorpora o significado de grande mãe e a tríade divina Osiris-Ísis-Hórus se destaca, dando projeção a esse modelo familiar divino e servindo de inspiração para a sociedade, desde a família faraônica até as camadas mais populares.



Figura 9 Horemheb diante de Ísis. Tumba do faraó Horemheb. Vale dos Reis. 1395 a.C. Arte egípcia. Pocket Visual Encyclopedia. Scala, 2011. p. 162

5. Ísis, a Grande Mãe

É no final do período faraônico que são produzidas as imagens mais conhecidas dessa família divina. Podemos ver estatuetas em ouro e lápis lazuli na figura 10. Os templos isíacos são construídos apenas no período greco-romano, como os de Fila e Behbeit El-Hagar, no Egito, embora fora dele sejam construídos outros, inclusive em Roma e Pompéia. Mesmo assim, durante o período faraônico, a divindade de Ísis é exaltada e transmitida durante os milênios, através da tradição oral, dos poemas e foram preservadas pela eternidade nas iconografias e estatuetas nos templos e nos sarcófagos.

A imagem de Ísis que vai ser associada a da Virgem Maria no Cristianismo em épocas posteriores começa a ser moldada no final do período faraônico e se consolida com a miscigenação do culto com as divindades gregas e latinas. A noção de que Ísis sempre foi a representação da grande

divindade feminina da antiguidade é equivocada e chega a nós principalmente através das produções literárias e cinematográficas em grande quantidade sobre o tema.

Como vimos, os papéis de Ísis foram construídos através do tempo, sendo que em cada época adquiriam significados e funções diferentes. A Ísis que do Novo Império possuía as faces de Grande Mãe, de rainha e maga poderosa e de esposa devotada. No entanto, é a assimilação dela com outras divindades, a incorporação de seu mito a outros também populares que transmite para nós a imagem de mulher ideal, que era o espelho de todas as mulheres egípcias, sendo “a deusa por excelência, a própria imagem do Egito” (NOBLECOURT, 1994, p. 37)



Figura 10 Tríade de Ísis, Osíris e Hórus. XXII Dinastia. Museu do Louvre, Paris.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à civilização egípcia, é impossível desassociar a religião de outros aspectos da sociedade. A moral, os deveres do cidadão, as responsabilidades familiares, tanto para homens como para mulheres, partiam dos princípios que regiam o universo, e desse modo os próprios deuses. Quando estudamos a sociedade egípcia, em qualquer que seja o aspecto, no período que se insere as dinastias faraônicas, não podemos deixar de considerar a importância desse modo de pensar e viver.

O culto isíaco, assim como outros durante este período, tem seus significados e representações modificados ao longo dos séculos. Adquirindo atributos de mitos de outras divindades, chega ao período do Novo Império com as características que foram transmitidas até nós pela obra do grego Plutarco. Graças a essas incorporações de características, Ísis surge como a grande mãe de Hórus e de todo o Egito, a grande sábia, conhecedora de todos os segredos do universo e a esposa perfeita, protetora e dedicada ao seu marido.

Vimos que as representações imagéticas de Ísis, produzidas no período abordado, são grandes recursos para a produção historiográfica. De acesso mais fácil do que os textos escritos e possibilitando múltiplas interpretações, as imagens encontradas nas tumbas, embora já utilizadas em outros trabalhos, podem nos trazer outras interpretações, baseadas em outros temas que nos vem pelas inquietações que surgem com as novas problemáticas de nosso tempo.

Embora Ísis tenham uma projeção muito maior durante o período que o Egito está sob a dominação greco-romana, com sua adoração se expandindo para além das fronteiras do território egípcio e os primeiros templos dedicados a deusa sendo construído em Fila e Behbeit El-Hagar, no seu próprio país, bem como outros em várias partes do Império Romano, é no fim do período faraônico que ela desponta como a deusa principal do Egito.

Ao buscarem sua imortalidade através de técnicas de mumificação e preservação do corpo, dos objetos e da alma dos homens através dos objetos e figuras que decoravam sua tumba, conseguiram que seu legado e princípios

religiosos perdurassem, fora os mais de três mil anos que se mantiveram como império independente, chegar até a contemporaneidade, atraindo com seu misticismo e exotismo de uma sociedade que foi complexa para os padrões da época e, em certos aspectos, até para os nossos.

Para além de uma conclusão, os estudos iconográficos de Ísis permitem uma ampla interpretação que não se esgotam nas que são sugeridas neste trabalho. Os múltiplos papéis de Ísis e seu significado na sociedade egípcia não pode ser recuperado de todo através de nenhum estudo, mas nos abrem caminhos para, de acordo com as necessidades de nosso tempo, compreender o papel significativo que uma divindade teve, representando de certo modo, todas as mulheres do Egito.

REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. ***O livro dos mortos do Antigo Egito***. Tradução: Edith de Carvalho Negraes. São Paulo: Hemus, 1996.
- BAKOS, Margareth Marchiori. ***Fatos e mitos do Antigo Egito***. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BLOCH, Marc. ***Apologia da História ou o ofício de historiador***. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRANCAGLION Jr, Antonio. ***Tempo, matéria e permanência: O Egito na Coleção Eva Klabin Rapaport***. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.
- BURKE, Peter. ***Testemunha ocular: história e imagem***. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CABANES, Pierre. ***Introdução à história da antiguidade***. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. ***O Egito Antigo***. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHARTIER, Roger. ***A história cultural: entre práticas e representações***. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand. 1989 - 1994.
- DAVID, Rosalie. ***Religião e magia no Antigo Egito***. São Paulo: Difel, 2011.
- DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. ***O Egito antigo***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- DOSSE, François. ***A História em Migalhas: dos Annales á Nova História***. Bauru: EDUSC, 1992.
- JACQ, Christian. ***As egípcias - retratos de mulheres do Egito faraônico***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- JOHNSON, Paul. ***História Ilustrada do Egito Antigo***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LE GOFF, Jacques. ***História e Memória***. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. ***História: Novas abordagens***. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

MELLA, Frederico A. Arborio ***O Egito dos faraós***. São Paulo: Hemus, 1994.

MOKHTAR, GAMAL. ***História geral da África II – A África Antiga***. Brasília: UNESCO, 2010.

NOBLECOURT. Christiane Desroches. ***A mulher no tempo dos faraós***. Papyrus, 1994.

OLIVEIRA, Haydée. ***Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1296 a.C.). O caso de Deir el-Medina***. Niterói, 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGH. Universidade Federal Fluminense, 2005.

PAIVA, Eduardo França. ***História & Imagens***. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAID, Edward W. ***Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente***. Companhia das Letras, 2007.

SAUNERON, Serge. ***A egiptologia***. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

SCHWARZ. Fernando. ***O Egito Invisível e o poder dos símbolos: a verdadeira essência da tradição sagrada mais fascinante da história***. São Paulo: Pensamento, 2009.

SOUSA, Aline Fernandes de. ***A mulher-faraó: representações da rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação***. Dissertação de mestrado. Niterói, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGH. Universidade Federal Fluminense, 2010.

STOIANI, Raquel. ***Da espada à águia: construção simbólica do poder de legitimação política de Napoleão Bonaparte.*** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 2002.

TRAUNECKER, Claude. ***Os deuses do Egito.*** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

VERCOUTER, Jean. ***O Egito Antigo.*** São Paulo: Difel, 1986.